

Enquanto houver qualquer forma de preconceito, de discriminação, de segregação, de infundados julgamentos e ajuizamentos, não poderemos ser felizes. A dor do outro é a minha dor. A realização do outro é a minha realização. Estamos inexoravelmente ligados. É falsa a sensação de prazer ou felicidade enquanto houver do sofrimento alheio.

Editorial

Não há realização na separação



Em março passado aconteceu mais um Dia Internacional da Mulher. Nas escolas, repetiram-se os velhos e cansados rituais: cartolinas rotas, mal coladas, com fotografias tiradas de revistas ou jornais são afixadas nas paredes dos corredores, ou nas paredes das salas de aula. Ali estão, geralmente, as mesmas famosas figuras negras, mas com mentalidades segregacionistas: ricas e milionárias que de negro mesmo só têm a cor da pele. Nessas horas, lembramos que o preconceito não é uma questão de melanina ou de origem. Negros, brancos, asiáticos, europeus, americanos, africanos, índios, enfim. Cada povo, de seu modo, cultiva seu pesado quinhão de preconceitos. E o traço comum a todos os povos sem distinção é que uma minoria termina por fazer a maioria sofrer. Triste.

Eis porque trazemos, na presente edição, algumas figuras femininas desconhecidas. Esforçamo-nos por fazer assim. O Brasil e o mundo precisam conhecer essas anônimas e valorosas figuras que, ao redor do globo, compõem uma história, ao mesmo tempo, rica e ignorada da população.

Precisamos compreender que não existem negros ou brancos, homens ou mulheres, ocidentais e orientais, franceses e brasileiros. Não existem judeus ou africanos. Não existem ricos ou pobres. Existem seres humanos. O amor, a igualdade, a solidariedade, quando vividos verdadeiramente, não enxergam sectarismos, divisões, separatismos. Quando estamos realmente conectados com nossa essência, existem diferenças, não existem separações. Sentimentos elevados enxergam o coração humano. Sentimentos elevados unem. Somente.

*Êmerson Macedo Sampaio
Rodrigo Nóbrega Martins*